

Charles Bukowski



O amor é um
cão dos diabos

L&PM POCKET

O melhor poeta da América

JEAN-PAUL SARTRE

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Charles Bukowski

O amor é um cão dos diabos

Tradução de PEDRO GONZAGA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

*Para
Carl Weissner*

1

mais uma criatura atordoada pelo amor

cinzas

peguei as cinzas dele, ela disse, e as lancei
ao mar e as espalhei e
elas nem sequer pareciam cinzas
e
o que dava peso à urna eram os
seixos verdes e azuis...

ele não lhe deixou nem um centavo de seus
milhões?

nada, ela disse.

mesmo depois de todos aqueles cafés da manhã
e almoços e jantares ao lado dele? depois
de ter escutado toda a merda que ele falava?

ele era um homem brilhante.

você sabe do que estou falando.

seja como for, eu fiquei com as cinzas. e você comeu
minhas irmãs.

nunca comi suas irmãs.

comeu sim.

comi uma delas.

qual?

a lésbica, respondi, ela me pagou o jantar e as
bebidas,
não tive muita escolha.

estou indo, ela disse.

não se esqueça do frasco.

ela entrou para buscá-lo.

sobra tão pouco de você, ela disse, que quando você
morre e eles te queimam precisam acrescentar
uma porção de seixos verdes e azuis.
está bem, eu disse.

vejo você daqui a 6 meses! ela gritou e bateu a
porta.

bem, pensei, creio que para me livrar dela terei que
comer a outra irmã. caminhei até o quarto e comecei
a dar
uma olhada nos números de telefone. tudo o que eu
[lembrava
era que ela
vivia em San Mateo e tinha um ótimo
emprego.

foda

ela tirou o vestido
por sobre a cabeça
e eu vi a calcinha
um tanto enterrada em suas
carnes.

é simplesmente humano.
agora teremos que fazê-lo.
eu terei que fazê-lo
depois de todo esse logro.
é como uma festa -
dois idiotas
numa cilada.

debaixo dos lençóis
depois que apaguei
as luzes
suas calcinhas ainda estavam
ali. ela esperava um
número introdutório.
eu não podia culpá-la. mas sim
me perguntar por que ela estava ali
comigo? onde estão os outros
caras? como você pode se julgar
sortudo tendo alguém que
outros abandonaram?

não precisávamos fazer aquilo
embora tivéssemos que fazê-lo
era algo como
renovar o crédito

com o homem do imposto de
renda. tirei a calcinha.
decidi não usar
a língua. ainda assim
pensava no momento
em que tudo estivesse terminado.

dormiremos juntos
esta noite
tentando nos acomodar
entre os papéis de parede.

tento, falho,
reparo no cabelo em sua
cabeça
mais do que tudo reparo no cabelo
em sua
cabeça
e de relance em
suas narinas
de porquinho

tento
novamente.

quando me penso morto

penso em automóveis estacionados
nas vagas

quando me penso morto
penso em panelas de fritura

quando me penso morto
penso em alguém fazendo amor com você
quando não estou por perto

quando me penso morto
respiro com dificuldade

quando me penso morto
penso em todas as pessoas que esperam pela morte

quando me penso morto
penso que nunca mais poderei beber água

quando me penso morto
o ar fica completamente puro

as baratas na minha cozinha
tremem

e alguém terá que jogar
fora minhas cuecas limpas e
sujas

noite de Natal, sozinho

noite de Natal, sozinho,
num quarto de motel
junto à costa
perto do Pacífico -
ouviu?

eles tentaram fazer desse lugar algo
espanhol, há
tapeçarias e lâmpadas, e
o banheiro é limpo, há
minibarras de sabonete
rosa.

não nos encontrarão por
aqui:
as piranhas ou as damas ou
os adoradores
de ídolos.

lá na cidade
eles estão bêbados e em pânico
furando sinais vermelhos
arrebentando suas cabeças
em homenagem ao aniversário de
Cristo. isso é uma beleza.

em breve terei terminado esta garrafa de
rum porto-riquenho.
pela manhã vomitarei e tomarei
banho, voltarei para

casa, comerei um sanduíche à uma da tarde,
estarei no meu quarto por volta das
duas,
estirado na cama,
esperando o telefone tocar,
sem responder,
meu feriado é uma
evasão, minha razão
não é.

imaginação e realidade

há muitas mulheres solteiras no mundo
com um ou dois ou três filhos
e alguém se pergunta aonde foram os maridos
ou aonde foram
os amantes
deixando para trás
todas essas mãos e esses olhos e esses pés
e essas vozes.

ao passar por suas casas
gosto de abrir armários e
olhar o que há dentro
ou então debaixo da pia
ou no guarda-roupa -
espero encontrar o marido
ou o amante e ele me dirá:
“ei, parceiro, você não percebeu as
estrias, ela tem estrias
e peitos caídos e come
cebolas o tempo todo e peida... mas
sou um cara habilidoso. posso consertar coisas,
sei como usar um torno mecânico e
troco sozinho o óleo do carro. sei jogar
sinuca, boliche, posso chegar em 5º ou
6º em qualquer maratona por
aí. tenho um jogo de tacos de
golfe, lanço a bola a longas distâncias. sei
onde fica o clitóris e o que fazer com
ele. tenho um chapéu de caubói com as abas
dobradas para cima.
sou bom com o laço e com os punhos
conheço os últimos passos de dança.”

e eu direi, “veja só, estou de saída”.
e *sumirei* antes que ele acabe me desafiando
para uma queda de braços
ou me conte uma piada bagaceira
ou me mostre a tatuagem no seu
bíceps direito em movimento.

mas de fato
tudo o que encontro no armário são
xícaras de café e pratos marrons, grandes e
rachados
e debaixo da pia uma pilha de trapos
endurecidos, e no guarda-roupa - mais cabides
do que roupas, e é só quando ela me mostra
o álbum e as fotos dele -
tão bom quanto uma calçadeira, ou um carrinho de
supermercado cujas rodas não estão emperradas -
que a dúvida íntima se desfaz, e as
páginas avançam e ali está uma criança com
um traje de banho vermelho e lá está
a outra
perseguido uma gaivota em Santa Mônica.
e a vida se torna triste e nada perigosa
e, dessa maneira, boa o suficiente:
tê-la para lhe trazer uma xícara de café em
uma daquelas xícaras sem que *e/le*
apareça.

roubada

sigo pensando que ela estará lá fora
agora
esperando por mim
azul
o para-choque frontal amassado
a cruz de Malta pendurada
no retrovisor.
o tapete de borracha
embolado debaixo dos pedais.
8 km/l
o bom e velho TRV 491
a fiel amante de um homem,
o modo como eu lhe engatava a segunda
ao dobrar uma esquina
o modo como ela podia furar um sinal
quando ninguém estava por perto.
o modo como conquistávamos enormes
e pequenos espaços
chuva
sol
neblina
hostilidade
o impacto das coisas.

saí das lutas no Olympic na última
terça-feira à noite
e minha caranga tinha sumido
com outro amante
para outro lugar.

as lutas tinham sido boas.

chamei um táxi numa estação
e me sentei numa cafeteria para comer
uma rosquinha com geleia acompanhada de café e
esperei,
e eu sabia que se encontrasse
o homem que a havia roubado
eu o mataria.

o táxi chegou. acenei para o
motorista, paguei pela rosquinha e pelo
café, saí noite afora,
entrei no carro, e lhe disse, “Hollywood com
a Western”, e naquela noite
em específico aquilo foi tudo.

o humilde herdou

se eu sofro assim diante dessa
máquina de escrever
pense em como eu me sentiria
entre os colhedores
de alface em Salinas?

penso nos homens
que conheci nas
fábricas
sem qualquer chance de
escapar -
sufocados enquanto vivem
sufocados enquanto riem
de Bob Hope ou Lucille
Ball enquanto
2 ou 3 crianças jogam
bolas de tênis contra
as paredes.

alguns suicídios jamais são
registrados.

os insanos sempre me amaram

e os subnormais.
ao longo de todo o ensino
fundamental
ensino médio
faculdade
os rejeitados se
uniam a
mim.
caras com um só braço
caras com tiques
caras com problemas de fala
caras com uma película branca
sobre um dos olhos,
covardes
misanthropos
assassinos
tarados
e ladrões.
e em todas
as fábricas e na
vagabundagem
sempre atraí
os rejeitados. eles me encontravam
logo de cara e se grudavam
em mim. continuam
fazendo isso.
aqui na vizinhança há agora
um que me
encontrou.
ele anda por aí empurrando um
carrinho de supermercado

cheio de lixo:
bengalas partidas, cadarços
sacos vazios de batata frita,
caixas de leite, jornais, canetas...
“ei, parceiro, o que tá fazendo?”
eu paro e conversamos um
pouco.
então eu digo adeus
mas ele continua me
seguindo
para além dos
puteiros e dos
prostíbulos...
“me mantenha *informado*,
parceiro, me mantenha *informado*,
quero saber o que está
acontecendo.”
esse é o meu insano do momento.
nunca o vi falar
com mais
ninguém.
o carrinho chacoalha
um pouco atrás
de mim
então alguma coisa
cai.
ele se detém para
juntá-la.
enquanto ele se ocupa disso eu
entro pela porta de um
hotel verde que fica na
esquina
cruzo
o saguão
saio pela porta
dos fundos e

ali há um gato
cagando
absolutamente deliciado,
que me arreganha os
dentes.

Big Max

durante o ensino médio
Big Max era um problema.
ficávamos sentados na hora do recreio
comendo nossos sanduíches com manteiga de
amendoim
e batatas fritas.
ele tinha pelos no nariz
e sobrancelhas cerradas, seus lábios
brilhavam com saliva.
já usava tênis número
43. suas camisas ficavam esturricadas em seu
peito enorme. seus pulsos pareciam
duas toras. e ele cruzava as sombras atrás do
ginásio
onde sentávamos, meu amigo Eli e eu.
“caras”, ele ficava ali parado, “caras,
vocês sentam com seus ombros caídos!
vocês caminham com os ombros
caídos! como é que vão conseguir
alguma coisa?”

não respondíamos.

então Max olhava pra mim.
“fique de pé!”

eu me levantava e ele ficava caminhando
às minhas costas e dizia, “erga seus
ombros assim!”

e ele puxava meus ombros para trás.
“veja! não faz você se sentir *melhor?*”

“claro, Max.”

logo ele se afastava e eu voltava à minha
postura normal.

Big Max estava pronto para enfrentar o
mundo. olhar para ele nos deixava
enojados.

aprisionado

no inverno caminhando em meu
teto meus olhos do tamanho de luzes de
poste. tenho quatro patas como um rato mas
lavo minhas roupas íntimas - barbeado e
de ressaca e de pau duro e sem advogado.
tenho cara de esfregão. canto
canções de amor e carrego aço.

preferiria morrer a chorar. não suporto
a matilha não posso viver sem ela.
inclino minha cabeça contra o refrigerador
branco e quero gritar como
o último lamento de vida para todo sempre mas
sou maior do que as montanhas.

é o modo como você joga o jogo

chame-a de amor
coloque-a de pé sob a luz
imperfeita
ponha-lhe um vestido
reze cante implore chore ria
apague as luzes
ligue o rádio
acrescente-lhe enfeites:
manteiga, ovos crus, jornais de
ontem;
um cadarço novo, e então
páprica, açúcar, sal, pimenta,
ligue para sua tia velha e bêbada em
Calexico;
chame-a de amor,
espete-a bem, adicione
repolho e molho de maçã,
então a es quente primeiro
no lado esquerdo,
depois no
direito,
ponha-a numa caixa
livre-se dela
deixe-a nos degraus de uma porta
vomitando como você fará
nas
hortênsias.

no continente

eu sou frouxo. eu
sonho também.
me deixo sonhar. sonho em
ser famoso. sonho em
caminhar nas ruas de Londres e
Paris. sonho em
sentar em cafés
bebendo vinhos caros e
pegando um táxi de volta a um bom
hotel.
sonho em
conhecer lindas mulheres no saguão
e
dispensá-las porque
tenho um soneto em mente que
quero escrever
antes do nascer do sol. quando o sol nascer
estarei dormindo e haverá um
gato estranho enrolado
no parapeito da janela.

penso que todos nos sentimos assim
de vez em quando.
eu gostaria mesmo de visitar
Andernach, na Alemanha, o lugar onde
comecei. depois gostaria de
voar até Moscou para checar
o sistema de transporte coletivo assim
teria alguma coisa levemente obscena para
sussurrar no ouvido do prefeito de
Los Angeles quando retornasse para este

lugar fodido.

podia acontecer.
estou pronto.

já vi lesmas escalam
paredes de três metros de altura e
desaparecerem.

o senhor não deve confundir isto com
ambição.
eu seria capaz de rir ao receber
uma mão perfeita nas cartas -

e não esquecerei de o senhor.
vou lhe mandar cartões-postais e
instantâneos, e o
soneto acabado.

como você não está fora da lista?

os homens ligam e me perguntam isto.

você é realmente Charles Bukowski
o escritor?

sou escritor de vez em quando, eu digo,
na maior parte do tempo eu não faço nada.

escute, eles dizem, eu gosto das suas
coisas - se importa se eu aparecer aí
com uma dúzia de latinhas?

você pode trazê-las, eu digo
desde que não entre...

quando as mulheres ligam, eu digo,
ó, sim, *escrevo*, sou um escritor
apenas não estou escrevendo nada neste exato
momento.

me sinto tola ligando para você,
elas dizem, e fiquei surpresa
de achar seu nome na lista telefônica.

tenho meus motivos, eu digo,
a propósito, por que você não aparece
pra tomar uma cerveja?

você não se importaria?

e elas chegam
mulheres lindas
boas de corpo e mente e olho.

frequentemente não há sexo
mas estou acostumado
ainda assim é bom
bom demais apenas olhar para elas...
e em alguns raros momentos
tenho uma maré inesperada de sorte
para variar.

para um homem de 55 que não transou
até os 23
e não muitas vezes mais até os 50
creio que deva continuar listado
na Pacific Telephone
até conseguir o mesmo número de mulheres
que os homens normais conseguiram.

claro, terei que continuar
escrevendo poemas imortais
mas a inspiração está lá.

boletim do tempo

suponho que esteja chovendo em alguma cidade
espanhola
neste momento
enquanto me sinto mal
deste jeito;
gosto de pensar nisso
agora.
vamos a um vilarejo mexicano -
isso soa bem:
um vilarejo mexicano
enquanto me sinto mal
deste jeito
as paredes amareladas pelo tempo -
aquela chuva
lá fora,
um porco se movendo em seu chiqueiro à noite
incomodado pela chuva,
os olhos diminutos como pontas de cigarro,
e seu maldito rabo:
pode vê-lo?
não consigo imaginar as pessoas.
talvez elas também estejam se sentindo mal,
quase tão mal quanto eu.
pergunto-me o que elas fazem quando se sentem
assim?
provavelmente não o mencionam.
dizem apenas,
“veja, está chovendo”.
Assim é melhor mesmo.

velho limpo

daqui a
uma semana farei
55.

sobre o que
escreverei
quando ele não
levantar mais
pela manhã?

meus críticos
vão adorar
quando a minha diversão
passar a ser
tartarugas
e estrelas-do-mar.

chegarão inclusive a
dizer
coisas boas sobre
mim

como se eu tivesse
finalmente
alcançado a
razão.

alguma coisa

estou sem fósforos.
as molas de meu sofá
estouraram.
roubaram minha maleta.
roubaram minha tela a óleo de
dois olhos rosados.
meu carro quebrou.
lesmas escalam as paredes de meu banheiro.
meu coração está partido.
mas as ações tiveram um dia de alta
no mercado.

uma janela de vidros espelhados

cães e anjos não são
muito diferentes.
frequentemente vou comer nesse
lugar
por volta das 2h20 da tarde
porque todas as pessoas que almoçam
ali estão particularmente arruinadas
felizes pelo simples fato de estarem vivas e
comendo feijão
próximas a uma janela de vidros espelhados
que impede a passagem do calor
e não deixa que os carros e as
calçadas cheguem ao interior.

podemos tomar quanto café
de graça quisermos
e nos sentamos e em silêncio bebemos
o café preto e forte.

é bom estar sentado em algum lugar
neste mundo às 2h20 da tarde
sem sentir-se carneado até o
branco dos ossos. mesmo
estando arruinados, sabemos disso.

ninguém nos incomoda
não incomodamos ninguém.

anjos e cães não são
muito diferentes

às 2h20 da tarde.

tenho minha mesa favorita
e depois de terminar

empilho os pratos, pires,
o copo, os talheres
com cuidado -
faço à sorte minha oferenda -
e lá fora o sol
segue trabalhando bem
descrevendo
seu arco
enquanto aqui dentro
reina
a escuridão.

junkies

“ela aplicou no pescoço”, ela me disse. eu disse que era para me aplicar na bunda e ela tentou e disse, “oh-oh”, e eu disse, “que merda está acontecendo?” ela disse, “nada, este é o modo Nova York de fazer a coisa”, e tentou enfiar a agulha de novo e disse,

“oh, merda”. Peguei o negócio e tentei me aplicar no braço, consegui injetar uma parte.

“não sei por que as pessoas se metem com isso, não há nada de mais. acho que são todos uns coitados e querem realmente chegar ao fundo do poço. não há saída, é como se eles não conseguissem chegar onde querem ou pretendem e não tivessem outra saída.

isso tinha que ser assim.

ela aplicou no pescoço.”

“eu sei”, eu disse. “liguei pra ela, ela mal conseguia falar, disse que estava com laringite. tome um pouco deste vinho.”

era vinho branco e 4h20 da manhã e sua filha dormia no quarto. a tevê a cabo estava ligada sem volume e um enorme pôster com um John Wayne ainda jovem nos velava, e não nos beijamos nem sequer fizemos amor e acabei saindo de lá às 6h15 depois que a cerveja e o vinho acabaram

e também para que sua filha não acordasse para ir
ao
colégio e me encontrasse ali sentado na
cama de sua mãe
com o John Wayne e a noite encerrada
e sem quaisquer esperanças para quem quer que
fosse...

99 para um

o tubarão resplandecente
quer meus bagos
enquanto atravesso a seção de carnes
em busca de salame e queijo

donas de casa púrpuras
apalpando abacates de 75 centavos
sabem que meu carrinho é um
pau monstruoso

sou um homem com um relógio antigo
parado em uma cabine telefônica numa espelunca
chupando um bico vermelho como morango
de cabeça para baixo em meio à multidão na
Filadélfia.

de repente tudo ao meu redor são gritos de
ESTUPRO ESTUPRO ESTUPRO ESTUPRO ESTUPRO
e eu estou metendo em alguma coisa debaixo de
mim
cabelos de um ruivo opaco, mau hálito, dentes azuis

costumava gostar de Monet
costumava gostar muito de Monet
era divertido, eu pensava, o que ele fazia
com as cores

mulheres são caras demais
coleiras para cachorro são caras
vou começar a vender ar em sacos alaranjados

com os dizeres: florescências da lua

costumava gostar de garrafas cheias de sangue
jovens garotas em casacos de pelo de camelo
Príncipe Valente
o toque mágico do Popeye

o esforço está no esforço
como um saca-rolhas
um homem de verdade não deixa farelos de cortiça
no vinho

este pensamento já ocorreu a milhões de homens
ao se barbearem
a remoção da vida talvez fosse preferível à
remoção dos pelos

cuspa algodão e limpe seu espelho
retrovisor, corra como se tivesse vontade, ex-atleta,
as putas vencerão, os tolos vencerão,
mas dispare como um cavalo ao sinal da largada.

o estouro

demais
tão pouco

tão gordo
tão magro
ou ninguém.

risos ou
lágrimas

odiosos
amantes

estranhos com faces como
cabeças de
tachinhas

exércitos correndo através
de ruas de sangue
brandindo garrafas de vinho
baionetando e fodendo
virgens.

ou um velho num quarto barato
com uma fotografia de M. Monroe.

há tamanha solidão no mundo
que você pode vê-la no movimento lento dos
braços de um relógio.

peessoas tão cansadas
mutiladas
tanto pelo amor como pelo desamor.

as pessoas simplesmente não são boas umas com as
outras
cara a cara.

os ricos não são bons para os ricos
os pobres não são bons para os pobres.

estamos com medo.

nosso sistema educacional nos diz que
podemos ser todos
grandes vencedores.

eles não nos contaram
a respeito das misérias
ou dos suicídios.

ou do terror de uma pessoa
sofrendo sozinha
num lugar qualquer

intocada
incomunicável

regando uma planta.

as pessoas não são boas umas com as outras.
as pessoas não são boas umas com as outras.
as pessoas não são boas umas com as outras.

suponho que nunca serão.
não peço para que sejam.

mas às vezes eu penso sobre
isso.

as contas dos rosários balançarão
as nuvens nublarão
e o assassino degolará a criança
como se desse uma mordida numa casquinha de
sorvete.

demais
tão pouco

tão gordo
tão magro
ou ninguém

mais odiosos que amantes.

as pessoas não são boas umas com as outras.
talvez se elas fossem
nossas mortes não seriam tão tristes.

enquanto isso eu olho para as jovens garotas
talos
flores do acaso.

tem que haver um caminho.

com certeza deve haver um caminho sobre o qual
ainda
não pensamos.

quem colocou este cérebro dentro de mim?

ele chora
ele demanda
ele diz que há uma chance.

ele não dirá
“não”.

um cavalo de olhos azul-esverdeados

o que você vê é aquilo que vê:
os hospícios raramente
estão visíveis.

que continuemos caminhando por aí
e nos coçando e acendendo
cigarros

é mais miraculoso

do que os banhos das beldades
do que as rosas e as mariposas.

sentar-se em um pequeno quarto
e beber uma latinha de cerveja
e fechar um cigarro
ouvindo Brahms
em um radinho vermelho

é como ter voltado
de uma dúzia de batalhas
com vida

ouvir o som
da geladeira

enquanto as beldades banhadas apodrecem

e as laranjas e maçãs
rolam para longe.

Scarlet

fico feliz quando elas chegam
e feliz quando se vão

feliz quando escuto os saltos
se aproximando de minha porta
feliz quando esses saltos
se afastam

feliz por foder
feliz por me importar
feliz quando tudo termina

e
desde que as coisas ou estão
começando ou terminando
fico feliz
a maior parte do tempo

e os gatos caminham pra cima e pra baixo
e a terra gira em torno do sol
e o telefone toca:

“é a Scarlet”.

“quem?”

“Scarlet.”

“certo, pinta aí.”

e desligo pensando
talvez seja isso

entro
dou uma cagada rápida
me barbeio
me banho

me visto

ponho o lixo
e as caixas cheias de garrafas vazias
pra fora

me sento ao som dos
saltos se aproximando
parecendo mais a aproximação de um exército
do que o som da vitória

é Scarlet
e na minha cozinha a torneira
continua pingando
precisando de conserto.

cuidarei disso mais
tarde.

ruiva de cima a baixo

cabelos ruivos
legítimos
ela os põe em movimento
e pergunta
“meu rabo continua gostoso?”

que comédia.

há sempre uma mulher
pra salvar você de outra

e assim que ela o salva
está pronta para
destruí-lo.

“às vezes eu odeio você”,
ela disse.

afastou-se e foi se sentar
na minha varanda para ler meu exemplar
do Catulo, e ficou
por lá cerca de uma hora.

as pessoas passavam de lá para cá
em frente à minha casa
se perguntando como um
cara tão velho e feio podia arranjar
uma beldade daquelas.

nem eu sabia.

assim que ela entrou eu a puxei
para o meu colo.
ergui meu copo e lhe
disse, “beba isso”.

“oh”, ela disse, “você misturou
vinho com Jim Beam, logo vai ficar
safado”.

“você passa hena nos cabelos,
não?”

“você não *enxerga* nada”, ela disse e
se levantou e baixou
suas calças e a calcinha e
os pelos lá embaixo tinham a
mesma cor dos cabelos
lá em cima.

o próprio Catulo não poderia ter desejado
graça mais histórica ou
magnífica;
depois ele se
enamorado de

rapazolas
insuficientemente loucos
para se tornar
mulheres.

como uma flor na chuva

cortei a unha do dedo médio
 da mão
 direita
 realmente curta
 e comecei a correr o dedo ao longo de sua boceta
 enquanto ela se sentava muito ereta na cama
 espalhando uma loção por seus braços
 face
 e seios
 depois do banho.
 então acendeu um cigarro:
 “não deixe que isso o desanime”,
 e seguiu fumando e esfregando a
 loção.
 continuei tocando sua boceta.
 “quer uma maçã?”, perguntei.
 “claro”, ela disse, “tem uma aí?”
 mas eu lhe dei outra coisa...
 ela começou a se contorcer
 e depois rolou para um lado,
 ela estava ficando molhada e aberta
 como uma flor na chuva.
 então ela se voltou sobre a barriga
 e seu cu maravilhoso
 olhou para mim
 e eu passei minha mão por baixo e
 cheguei outra vez na boceta.
 ela se espichou e agarrou meu
 pau, virando-se e se contorcendo toda,
 penetrei-a
 meu rosto mergulhando na massa

de cabelos ruivos que se alastrava feito enchente
de sua cabeça
e meu pau intumescido adentrou
o milagre.
mais tarde tiramos sarro da loção
e do cigarro e da maçã.
depois eu saí para comprar um pouco de frango
e camarão e batatas fritas e pão doce
e purê de batatas e molho e
salada de repolho, e nós comemos. ela me disse
quão bem ela se sentia e eu lhe disse
o quão bem eu me sentia e nós comemos
o frango e o camarão e as batatas fritas e o pão
doce
e o purê de batatas e o molho e
também a salada de repolho.

castanho-claro

um olhar castanho-claro

esse estúpido, vazio e maravilhoso
olhar castanho-claro.

darei um jeito
nele.

você não precisa mais
me enganar
com seus truques
de Cleópatra
de cinema

já se deu conta
de que se eu fosse uma calculadora
eu poderia entrar em pane
registrando
as infinitas vezes que você usou
esse olhar castanho-claro?

não que não seja o que há de melhor
esse seu olhar castanho-claro.

algum dia um filho da puta louco
irá matá-la

e então você gritará meu nome
e finalmente entenderá
o que já devia ter entendido

há muito
tempo.

brincos enormes

saio para buscá-la.
ela está em alguma missão.
ela está sempre cheia de missões
muitas coisas pra fazer.
nunca tenho nada pra fazer.

ela sai de seu apartamento
vejo-a se aproximar do meu carro

ela vem descalça
vestida de modo casual
exceto por enormes brincos.

acendo um cigarro
e quando ergo os olhos
ela está estirada no meio da rua

uma rua bastante movimentada

todos os seus 50 quilos
tão magníficos quanto qualquer coisa que você
possa
imaginar.

ligo o rádio
e espero ela se levantar.

ela o faz.

abro a porta do carro.

ela entra. afasto-me do cordão da
calçada. ela gosta da canção que toca na rádio
e aumenta o volume.

ela parece gostar de todas as canções
ela parece conhecer todas as canções
cada vez que a vejo ela parece ainda
melhor

200 anos atrás eles a teriam queimado
em um poste

agora ela passa seu
rímel enquanto nosso
carro segue adiante.

*ela saiu do banheiro com sua cabeleira ruiva
flamejante e disse...*

os policiais querem que eu vá até lá e identifique
um cara que tentou me estuprar.

perdi outra vez a chave do meu carro; tenho
a que abre a porta, mas não a que dá partida na
ignição.

essas pessoas estão tentando tirar minha filha de
mim,

mas eu não vou deixar.

Rochelle quase tomou uma *overdose*, então foi até o
Harry com um bagulho, e ele a pegou de jeito.

ela teve as costelas fissuradas, você sabe,

e uma delas lhe perfurou o pulmão. ela

está no hospital conectada a uma máquina.

onde está meu pente?

o seu está sempre imundo.

eu lhe disse,

eu não vi o seu

pente.

uma assassina

a consistência é impressionante:
boca fedorenta
podre por dentro e
um corpo quase perfeito,
uma longa e luminosa cabeleira loira -
que confunde a mim
e aos outros

ela segue de homem em homem
oferecendo carícias

ela fala de amor

então submete os homens
à sua vontade

boca fedorenta
podre por dentro

vemos isso tarde demais:
depois que o pau é engolido
o coração vai atrás

sua longa e luminosa cabeleira
seu corpo quase perfeito
caminha pela rua
debaixo do mesmo sol
que banha as flores.

uma aposta perdida

ela não é pra você, cara,
não faz o seu tipo,
ela foi maltratada
foi usada
adquiriu todos os maus
hábitos,
ele me disse
entre um páreo e outro.

vou apostar no cavalo 4,
eu lhe disse.
bem, é que eu gostaria apenas
de tentar tirá-la
da correnteza,
salvá-la, pode-se dizer.

você não conseguirá, ele disse,
você tem 55, precisa de gentileza.
vou apostar no cavalo 6.
você não é o cara para
salvá-la.

e você pode? perguntei.
não acho que o 6 tenha
chance, prefiro o 4.

ela precisa de alguém que lhe desça a mão,
que a jogue na parede, ele disse,
que lhe chute o rabo, ela vai adorar.
ficará em casa e

lavará a louça.
o cavalo 6 vai estar na
disputa.

não sou bom nesse negócio de bater em mulher,
eu disse.

então tire ela da cabeça, ele disse.

não é fácil, respondi.

ele se levantou e foi no 6
e eu me levantei e fui no 4.
o cavalo 5 ganhou
por 3 corpos
pagando 15 para um.

os cabelos dela são ruivos
como relâmpagos vindos do paraíso,
eu disse.

tire ela da cabeça, ele disse.

rasgamos nossos bilhetes
e olhamos para o lago
no centro da pista.

aquela ia ser
uma longa tarde
para nós dois.

a promessa

ela se inclinou sobre o lado da cama
e abriu um *portfolio*
junto à parede.
estávamos bebendo.
ela disse, “você me prometeu esses
quadros uma vez, não
lembra?”
“o quê? não, não, não lembro.”
“bem, você prometeu”, ela disse, “e você
sabe que promessa é dívida.”
“tire a mão desses quadros”,
eu disse.
então fui até a cozinha buscar
uma cerveja. fiz uma parada para vomitar
e quando voltei
pude vê-la sair pela janela
atravessando o pátio
em direção à sua casa que ficava nos fundos.
ela tentava correr
e ao mesmo tempo equilibrar 40 pinturas
sobre a cabeça:
óleos
telas em preto e branco
acrílicos
aquarelas.
ela pisou em falso e quase
caiu sentada.
então subiu depressa os degraus da varanda
e sumiu porta adentro em direção ao
seu apartamento que ficava escada acima
avançando com todos aqueles quadros

sobre a cabeça.
foi uma das coisas mais
engraçadas que jamais vi.
bem, suponho que o negócio agora seja
pintar mais 40.

acenos e mais acenos de adeus

paguei suas despesas ao longo de todo o trajeto
entre

[Houston

e São Francisco
depois voei pare encontrá-la na casa do irmão dela
e acabei bêbado
e falei a noite inteira sobre uma ruiva, e
ela disse por fim, “você dorme ali em cima”,
e eu subi a escada
do beliche e ela dormiu
na cama de baixo.

no dia seguinte eles me levaram até o aeroporto
e eu voei de volta, pensando, bem,
ainda restou a ruiva e assim que cheguei
liguei para ela e disse, “voltei, baby,
peguei um avião para ver essa mulher e falei
sobre você a noite inteira, então aqui estou eu de
volta...”

“bem, por que você não volta lá e termina
o serviço?” ela disse e desligou.

então enchi a cara e o telefone tocou
e elas se apresentaram como
duas garotas alemãs que queriam
me ver.

então elas apareceram e uma delas tinha 20 e a
outra 22. contei-lhes que meu coração

havia sido esmigalhado pela última vez e
que eu estava desistindo desse negócio de mulher.

elas riram
de mim e nós bebemos e fumamos e fomos
juntos para a cama.

eu tinha essa cena diante de mim e
primeiro agarrei uma e depois agarrei a
outra.

finalmente fiquei com a de 22 e
a devorei.

elas ficaram 2 dias e 2 noites
mas nunca fui com a de 20,
ela estava menstruada.

finalmente as levei para Sherman Oaks
e elas ficaram junto ao pé de uma longa
passagem
acenos e mais acenos de adeus enquanto eu dava a
ré
no meu fusca.

quando voltei havia uma carta de uma
mulher de Eureka. dizia que queria que eu
a fodesse até que ela não pudesse
mais caminhar.

me deitei e puxei uma
pensando na garotinha que eu tinha visto
uma semana atrás em sua bicicleta vermelha.

depois tomei um banho e vesti meu robe
verde e felpudo bem a tempo de pegar as lutas

na tevê diretamente do Olympic.

havia um negro e um chicano.
isso sempre dava uma boa luta.

e era também uma boa ideia:
ponha os dois no ringue e deixe que
se matem.

assisti a todo o combate
sem deixar de pensar na ruiva uma vez sequer.

acho que o chicano venceu
mas não tenho certeza.

liberdade

ela estava sentada na janela
do quarto 1010 no Chelsea
em Nova York,
o antigo quarto de Janis Joplin.
fazia 40 graus
e ela estava alterada
e tinha uma perna para fora
do peitoril,
e se inclinava para fora e dizia,
“Deus isso é ótimo!”
e então ela escorregou
e quase caiu lá embaixo,
agarrando-se no momento final.
foi por pouco.
voltou para dentro e se esticou
na cama.

já perdi um bocado de mulheres
de um bocado de modos diferentes
mas teria sido
a primeira vez
desse modo.

então ela rolou da cama
caindo de costas
e quando me aproximei
ela estava dormindo.

ela passara o dia todo querendo
ver a Estátua da Liberdade.
agora por um tempo ela não me incomodaria

com isso.

não toque nas garotas

ela está lá em cima vendo meu médico
tentando conseguir umas pílulas para emagrecer;
ela não é gorda, precisa do barato.
sigo até o bar mais próximo e espero.
às 3h20 da tarde de uma terça-feira.
eles têm uma dançarina.

há apenas um outro cara no bar.

ela faz seus passos
olhando-se no espelho.
parece uma macaca
escura
coreana.

ela não é muito boa,
esquelética e previsível
e ela estica sua língua para mim e
depois para o outro cara.

os tempos devem ser bem difíceis, penso.

tomo mais algumas cervejas e me levanto para sair.
ela me acena.
“já vai?”, pergunta.
“sim”, eu digo, “minha esposa tem câncer.”

dou-lhe um aperto de mão.

ela aponta para um cartaz atrás de si:

NÃO TOQUE NAS GAROTAS.

ela aponta para o cartaz e diz,
“o cartaz diz ‘NÃO TOQUE NAS GAROTAS’.”

sigo até o estacionamento e espero.
ela aparece.

“conseguiu as pílulas?” pergunto.

“sim”, ela diz.

“então ganhou o dia.”

penso na dançarina cruzando minha
cozinha. não consigo visualizar. morrerei
sozinho
do mesmo modo que vivo.

“leve-me para casa”, ela diz,

“tenho que me preparar para o curso noturno”.

“claro”, eu digo e a levo embora.

Sandra

é a alta e magra
donzela do quarto
de brincos
coberta por um longo
vestido

está sempre alta
em sapatos de salto
espírito
boletas
trago

Sandra se inclina
em sua cadeira
inclina-se em direção a
Glendale

guardo que sua cabeça
bata na maçaneta
do guarda-roupa
enquanto ela tenta
acender
um novo cigarro num
outro já quase
consumido

aos 32 ela gosta de
jovens limpos
imaculados
com rostos semelhantes ao fundo

de pires recém-comprados

depois de se vangloriar
a não mais poder
acabou me trazendo seus prêmios
para que eu desse uma olhada:
garotos nulos, loiros e silenciosos
que
a) sentam
b) levantam
c) falam
ao seu comando

às vezes ela traz um
às vezes dois
às vezes três
para que eu os
veja

Sandra fica muito bem em
vestidos longos
Sandra pode partir provavelmente
o coração de um homem

espero que ela encontre
um.

você

você é uma fera, ela disse
sua enorme barriga branca
e seus pés cabeludos.
você jamais corta as unhas
e tem mãos gordas
como as patas de um gato
seu nariz vermelho e brilhante
e os maiores bagos que
eu já vi.
você lança esperma como
uma baleia lança água pelo
buraco das costas.

fera, fera, fera,
ela me beijou,
o que você quer para o
café da manhã?

a deusa de um metro e oitenta

sou grande
suponho que é por isso que minhas mulheres
sempre

[parecem

pequenas
mas essa deusa de um metro e oitenta
que negocia imóveis
e arte
e que voa do Texas
para me ver
e eu voo ao Texas
para vê-la -
bem, há nela o suficiente para
ser agarrado
e eu me agarro todo
nela,
puxo-lhe a cabeça para trás pelos cabelos,
sou macho de verdade,
chupo-lhe o lábio superior
sua xoxota
sua alma
monto sobre ela e lhe digo,
“vou lançar suco quente e branco
dentro de você. não voei desde
Galveston para jogar
xadrez”.

depois nos deitamos enlaçados como vinhas
humanas
meu braço esquerdo debaixo de seu travesseiro
meu braço direito sobre o lado de seu corpo

aferro-me às suas mãos,
e meu peito
barriga
bolas
pau
enroscam-se nela
e através de nós
no escuro
passam raios
pra lá e pra cá
pra lá e pra cá
até que eu desfaleça
e nós durmamos.

ela é selvagem
mas dócil
minha deusa de um metro e oitenta
faz-me rir
a risada do mutilado
que ainda precisa de
amor,
e seus olhos abençoados
fluem para o fundo de sua cabeça
como nascentes na montanha
ao longe
nascentes
frescas e boas.

ela me resguardou
de tudo o que não está
aqui.

*já vi mendigos demais com os olhos vidrados
bebendo vinho barato debaixo da ponte*

você se senta comigo
no sofá
nesta noite
nova mulher.

você já viu os
documentários
sobre animais carnívoros?

eles mostram a morte.

e agora me pergunto
que animal entre
nós dois
devorará
primeiro o outro
física e
por fim
espiritualmente?

nós consumimos animais
e então um de nós
consome o outro,
meu amor.

enquanto isso
prefiro que você vá
primeiro e do primeiro jeito

se os gráficos de performance passadas
significarem alguma coisa
eu certamente irei
primeiro e do último
jeito.

gostosa e sexy

“sabe”, ela disse, “você estava no bar
e por isso não pôde ver
mas eu dancei com aquele cara.
nós dançamos juntos
sem parar.
mas não fui para casa com ele
porque ele sabia que eu estava
com você.”

“valeu mesmo,” eu
disse.

ela estava sempre pensando em sexo.
levava isso sempre consigo
como algo embrulhado num saco de papel.
quanta energia.
ela começava por qualquer homem disponível
nos cafés da manhã
entre ovos e bacon
ou mais tarde
entre um sanduíche no almoço ou
um bife no jantar.

“moldei meu modo de ser inspirada em Marilyn
Monroe,”

[ela

me
disse.

“ela está sempre fugindo

para alguma discoteca local para dançar com algum otário,” um amigo certa vez me contou, “estou surpreso que você continue com ela depois de tudo o que já aconteceu.”

ela desaparecia nas corridas para depois surgir e dizer “três caras se ofereceram para me pagar um drinque”.

ou então eu a perdia no estacionamento e a procurava e ela estava caminhando com um estranho. “bem, ele veio desta direção eu vim daquela e nós meio que caminhamos juntos. não queria ferir os sentimentos dele.”

ela disse que eu era um homem muito ciumento.

um dia ela apenas submergiu em seus órgãos sexuais e desapareceu.

era como um despertador caindo dentro do Grand Canyon. bateu e chocalhou e tocou e tocou mas eu não pude mais vê-la nem ouvi-la.

me sinto bem melhor agora.

dediquei-me ao sapateado
e agora visto um chapéu de feltro
preto levemente inclinado
sobre o olho
direito.

a música suave

vence o amor porque nela não há
feridas: pela manhã
a mulher liga o rádio, Brahms ou Ives
ou Stravinsky ou Mozart. ferve os
ovos contando em voz alta os segundos: 56,
57, 58... descasca os ovos, os traz
para mim na cama. depois do café da manhã é
a mesma cadeira e ouvir a música
clássica. A mulher está no seu primeiro copo de
scotch e no seu terceiro cigarro. digo-lhe
que preciso ir ao hipódromo. ela
está aqui há 2 noites e 2 dias. “quando
voltarei a vê-la?” pergunto. ela
sugere que fique a meu critério.
aceno com a cabeça e Mozart toca.

*entorpeça seu rabo e seu cérebro e seu
coração...*

eu estava saindo de um caso que havia terminado
mal.

francamente, eu deslizava em direção ao fundo do
poço

sentindo-me realmente desprezível e acabado
quando tive sorte com essa dama em sua enorme
cama

coberta por um dossel enfeitado de joias
mais

vinho, champanhe, cigarros, boletas e
tevé a cores.

ficamos na cama e

bebemos vinho, champanhe, fumamos, detonamos
as

[boletas

às dúzias

enquanto eu (sentindo-me desprezível e acabado)
tentava superar o caso que havia terminado mal.

assistia à tévé tentando embotar meus sentidos,
mas a coisa que realmente ajudou

foi esse drama muito longo

(especialmente escrito para a televisão) sobre
espiões...

espiões americanos e espiões russos, e
todos eram tão espertos e

bacanas...

até mesmo seus filhos não sabiam

suas esposas não sabiam, e

de certo modo

e/es mesmos quase não sabiam...

e logo vieram os contraespões, os agentes duplos:
caras que trabalhavam para os dois lados, e
e então um deles passou de agente duplo
a agente triplo,
e tudo se tornou agradavelmente confuso...
acho que nem o cara que tinha escrito o roteiro
sabia o que estava acontecendo...
aquilo seguiu por horas!
hidroplanos se chocando contra *icebergs*,
um padre em Madison, Wisc. matou seu irmão,
um bloco de gelo foi despachado num cofre para o
Peru
no lugar do maior diamante do mundo, e
loiras entravam e saíam de quartos comendo
nozes e doces recheados com creme;
o agente triplo passou a
agente quádruplo e todo mundo amava
todo mundo
e eu segui vendo aquilo
e as horas passaram e
e tudo finalmente desapareceu como um clipe de
papel em
meio a uma cesta de lixo e eu
me aproximei do aparelho e o desliguei e
pela primeira vez em uma semana e meia
dormi bem.

uma das mais quentes

ela usava uma peruca de um loiro platinado
e tinha a face carregada de *rouge* e pó
e não economizava no batom
traçando uma enorme boca pintada
e seu pescoço era coberto de rugas
mas ainda tinha o rabo de uma garota
e as pernas eram boas.

ela usava calcinhas azuis que eu baixei e
ergui seu vestido, e à luz bruxuleante da TV
tomei-a de pé.

enquanto nos digladiávamos ao redor do quarto
(estou fodendo uma cova, pensei,
trazendo os mortos de volta à vida, maravilhoso
tão maravilhoso
como comer azeitonas geladas às 3 da manhã
com metade da cidade em chamas)
gozei.

vocês podem ficar com suas virgens, rapazes
deem-me velhas gostosas no alto de seus saltos
com rabos que esqueceram de envelhecer.

claro, você tem que dar o fora depois
ou ficar muito bêbado
o que é a mesma
coisa.

bebemos vinho por horas e assistimos tevê
e quando fomos pra cama
para dormir
ela não tirou os dentes da boca

a noite toda.

garotas de meia-calça

estudantes de meia-calça
sentadas nas paradas de ônibus
parecendo cansadas aos 13
com seus batons de framboesa.
está quente sob o sol
e o dia na escola foi
maçante, e ir pra casa é
maçante, e eu
dirijo meu carro
e dou uma espiada naquelas pernas quentes.
seus olhos não estão focados
em nada -
elas foram avisadas sobre
os veteranos tarados e
cruéis; eles não desistirão
assim tão fácil.
e ainda assim é maçante
passar aqueles minutos no
banco e os anos em
casa, e os livros que elas
carregam são maçantes e aquilo de que se
alimentam é maçante, e até mesmo os
veteranos tarados e cruéis são
maçantes.

as garotas de meia-calça esperam,
esperam pelo momento e hora
exatos para só então se mover
e certamente conquistar.

circulo com o meu carro

espiando suas pernas
satisfeito por saber que jamais farei
parte nem de seus paraísos nem de
seus infernos. mas os batons
escarlates naquelas tristes bocas
que esperam! seria delicioso
beijar cada uma delas, uma vez que fosse, por
completo,
e então devolvê-las.
mas o ônibus as
pegará primeiro.

subindo seu rio amarelo

uma mulher contou a um homem
assim que ele desceu de um avião
que eu estava morto.
uma revista publicou
a notícia de que eu tinha morrido
e mais alguém disse
que eles ouviram sobre o meu
falecimento, e que então alguém
escreveu um artigo e disse
nosso Rimbaud nosso Villion está
morto. ao mesmo tempo um velho
parceiro de bebida publicou
um texto afirmando que eu
já não podia mais escrever. um
verdadeiro trabalho de Judas. eles
não podem esperar que eu me vá, esses
cretinos. bem, escuto o
concerto de piano número um
de Tchaikovski e
o locutor anuncia que a
5ª e a 10ª sinfonias de Mahler
virão a seguir desde
Amsterdã,
e as garrafas de cerveja se
espalham sobre o chão e as cinzas
dos meus cigarros
cobrem minhas cuecas de
algodão e minha barriga, mandei
todas as minhas namoradas
pro inferno, e mesmo isto
é um poema muito melhor do que

qualquer coisa que esses coveiros
possam escrever.

o fim de um breve caso

tentei fazer o negócio de pé
dessa vez.
normalmente não costuma
funcionar.
dessa vez parecia
que...

ela seguia dizendo
“ó, meu Deus, você tem
pernas lindas!”

tudo estava bem
até que ela tirou os
pés do chão
e enroscou suas pernas
em volta dos meus quadris.

“ó, meu Deus, você tem
pernas lindas!”

ela pesava cerca de 63
quilos e ficou ali presa enquanto eu
trabalhava.

foi só quando cheguei ao clímax
que senti a dor
correr espinha
acima.

deitei-a no sofá

e caminhei ao redor
da sala.
a dor continuava.

“olha só”, eu lhe disse,
“é melhor você ir. tenho
que revelar uns filmes
na minha câmara escura.”

ela se vestiu e se foi
e eu segui até a
cozinha para um copo
d’água. peguei um copo cheio
com a mão esquerda.
a dor correu para além de minhas
orelhas e
deixei cair o copo
que se espatifou no chão.

entrei numa banheira cheia de
água quente e sais Epsom.
recém tinha acabado de me esticar
quando o telefone tocou.
ao tentar endireitar
minhas costas
a dor se estendeu por
pescoço e braços.
caí pesadamente
me agarrei às bordas da banheira
consegui sair
com raios verdes e amarelos
e luzes vermelhas
lampejando em minha cabeça.

o telefone continuava tocando.

atendi.
“alô?”

“EU TE AMO!”, ela disse.

“obrigado”, eu disse.

“é tudo o que você tem
pra me dizer?”

“sim.”

“vá à merda!” ela disse e
desligou.

o amor se esgota, pensei
ao caminhar de volta ao
banheiro, mais rápido
do que um jato de esperma.

lamentando e se queixando

ela escreve: você vai
se lamentar e se queixar
em seus poemas
sobre como eu trepei
com 2 caras na semana passada.
eu te conheço.
ela escreve para me
dizer que meu sensor
estava certo -
ela recém tinha trepado
com um terceiro cara
mas ela sabe que não
quero saber com quem, nem por que
nem como. ela encerra sua
carta, "com amor".

ratos e baratas
triunfaram novamente.
aí vem ele correndo
com uma lesma em sua
boca, entoando
velhas canções de amor.
feche as janelas
lamente
feche as portas
queixe-se.

um poema quase feito

eu vejo você bebendo numa fonte com suas
minúsculas mãos azuis, não, suas mãos não são
minúsculas

elas são pequenas e a fonte é na França
de onde você me escreveu aquela última carta e
eu respondi e nunca mais obtive retorno.

você costumava escrever poemas insanos sobre
ANJOS E DEUS, tudo em caixa alta, e você
conhecia artistas famosos e muitos deles
eram seus amantes, e eu escrevia de volta, está
tudo bem,

vá em frente, entre na vida deles, não sou ciumento
porque nós nem nos conhecemos. estivemos perto
uma

[vez em
New Orleans, metade de uma quadra, mas nunca
nos

[encontramos,
nunca um contato. assim você seguiu com os
famosos,

[escreveu
sobre os famosos, e, claro, descobriu que os famosos
estavam preocupados com a fama deles - não com a
jovem e

bela garota em suas camas, que lhes dava *aquilo*, e
[que acordava
de manhã para escrever em caixa alta poemas sobre
ANJOS E DEUS. nós sabemos que Deus está morto,
eles nos

[disseram,
mas ao ouvi-la eu já não tinha certeza. talvez

fosse a caixa alta. você era uma das melhores
poetas e eu disse para os editores, “publiquem-
na, publiquem-na,
[ela é louca mas é
mágica. não há mentira em seu fogo”. eu te amei
como um homem ama uma mulher que jamais
tocou,
[para
quem apenas
escreveu, de quem manteve algumas fotografias. eu
poderia
[ter te
amado mais se eu tivesse sentado numa pequena
sala
[enrolando um
cigarro e ouvindo você mijar no banheiro,
mas isso não aconteceu. suas cartas ficaram mais
tristes.
seus amantes te traíram. criança, escrevi de volta,
todos os
amantes traem. isso não ajudou. você disse
que tinha um banco em que ia chorar e que ficava
numa
[ponte
e a ponte ficava sobre um rio e você sentava no seu
banco de
[chorar
todas as noites e descia o pranto pelos amantes que
te machucaram e te esqueceram. escrevi de volta
mas não
[obtive
qualquer retorno. um amigo me escreveu contando
do seu
[suicídio
3 ou 4 meses depois de consumado. se eu tivesse te
[conhecido

provavelmente teria sido injusto com você ou você
comigo. foi mesmo melhor assim.

reviravolta

ela dirige para a vaga no estacionamento enquanto eu me escoro contra o para-choque de meu carro. ela está bêbada e seus olhos estão molhados de lágrimas:

“seu filho da puta, você trepou comigo quando não estava a fim. disse pra eu continuar ligando, disse pra eu me mudar pra perto da cidade, e então me disse pra deixar você em paz.”

tudo muito dramático e eu gostando daquilo.
“claro, bem, o que você quer?”

“quero falar com você. quero ir pra sua casa e falar com você...”

“estou com alguém agora. ela foi buscar um sanduíche.”

“quero falar com você... demora um pouco pra superar as coisas. preciso de mais tempo.”

“claro. espere até que ela saia. não somos desumanos. podemos tomar um drinque juntos.”

“merda,” ela disse, “oh, merda!”

pulou dentro do carro e arrancou.

a outra apareceu: “quem era aquela?”

“uma ex-amiga.”

agora *e/la* se foi e estou aqui sentado e bêbado
e meus olhos parecem molhados de lágrimas.
está tudo muito silencioso e sinto como se um arpão
estivesse atravessado no meio das minhas tripas.
caminho até o banheiro e vomito.

piedade, eu penso, será que a raça humana não
 sabe nada
 sobre piedade?

um poema para a velha dente-podre

conheço uma mulher
que segue comprando quebra-cabeças
quebra-cabeças
chineses
blocos
arames
peças que finalmente se encaixam
numa espécie de ordem.
ela se dedica à questão
de modo matemático
resolve todos os seus
quebra-cabeças
vive perto do mar
põe açúcar para as formigas lá fora
e acredita
definitivamente
num mundo melhor.
seu cabelo é branco
raramente o penteia
seus dentes são podres
e ela veste macacões frouxos
e amorfos sobre um corpo que a maioria
das mulheres desejaria ter.
ao longo de muitos anos ela me irritou
com o que eu considerava suas
excentricidades:
como mergulhar conchas na água
(para que ao regar as plantas elas
recebessem cálcio).
mas finalmente quando penso na sua
vida

e a comparo a outras vidas
mais deslumbrantes, originais
e belas
percebo que ela machucou menos
gente do que qualquer outra pessoa que conheço
(e com machucar quero dizer simplesmente
machucar).
ela enfrentou alguns momentos terríveis,
momentos em que talvez eu devesse tê-la
ajudado mais
porque era a mãe da minha única
filha
e uma vez fôramos grandes amantes,
mas ela havia superado essas dificuldades
como eu disse
das pessoas que conheço ela foi a que machucou
menos gente,
e se você olhar para isso pelo que isso significa,
bem,
ela criou um mundo melhor.
ela venceu.

Frances, este poema é pra
você.

comunhão

cavalos correndo
com ela a milhas de distância
rindo com um
louco

Bach e a bomba de hidrogênio
e ela a milhas de distância
rindo com um
louco

o sistema bancário
guinchos de carro
gôndolas em Veneza
e ela a milhas de distância
rindo com um
louco

você nunca viu de fato
uma escada antes
(cada degrau olhando
separadamente para você)
e do lado de fora
o vendedor de jornais parecendo
imortal
enquanto os carros passam
debaixo do sol
como um inimigo
e você se pergunta
por que é tão difícil
enlouquecer -
se é que você já não está

louco

até agora
você não tinha visto uma
escada que se parecesse com
uma escada
uma maçaneta que se parecesse com
uma maçaneta
e sons como esses sons

e quando a aranha aparece
e olha pra você
por fim
você já não a odeia
por fim
com ela a milhas de distância
rindo com um
louco.

tentando acertar as contas:

tínhamos fumado alguns baseados e tomado
algumas
cervejas e eu estava estirado na cama
e ela disse, “olha, eu fiz 3 abortos
em sequência, não quero que você enfie essa
coisa dentro de mim!”

o negócio começava a crescer e nós dois
olhávamos para ele.
“ah, qual é”, eu disse, “minha namorada trepou
com 2 caras diferentes esta semana e estou
tentando
acertar as contas.”

“não me envolva nessa sua merda
doméstica! o que quero que você faça agora é que
TOQUE uma PUNHETA enquanto eu ASSISTO!
quero VER você bater até
GOZAR! quero ver o SUCO jorrar!”

“ok aproxime seu rosto.”

ela o aproximou e dei uma cuspidada na palma da mão
e comecei a trabalhar.

ele cresceu. um pouco antes de gozar eu
parei, segurando-o pela base
puxando a pele,
a cabeça pulsando
púrpura e brilhante.

“oooh”, ela disse.
lançou a boca sobre ele, chupou-o
e
se afastou.

“termine”, ela disse.
“não!”

voltei a bater e então parei novamente
no último instante e fiquei a balançá-lo ao redor do
quarto.

ela o olhou
caiu outra vez sobre ele
chupou
e tirou da boca.

alternamos o processo
pra lá e pra cá

vez após vez.

finalmente eu a arranquei
da cadeira
para a cama
rolei pra cima dela
meti pra dentro
trabalhei
trabalhei
e gozei.

quando voltou do
banheiro ela disse,
“seu filho da puta, eu amo você,
amo você há muito tempo.

quando eu voltar a Santa Barbara
vou escrever pra você. Vivo
com esse cara mas eu o
odeio, não faço a mais vaga ideia do que
estou fazendo ao lado dele.”

“ok”, eu disse, “mas aproveitando que você já
está de pé, poderia me trazer um copo
d’água? estou seco.”
ela seguiu até a cozinha e
a ouvi reclamar que
todos os meus copos estavam
sujos.

disse a ela para usar uma
xícara. ouvi
a água correndo e
pensei, mais uma foda
e o jogo estará zerado
e poderei me apaixonar novamente por minha
namorada -
isto é
se ela não tiver se envolvido numa
foda extra
o que provavelmente ela
fez.

o que eles querem

Vallejo escrevendo sobre
solidão enquanto morria de
fome;
a orelha de Van Gogh rejeitada por uma
puta;
Rimbaud correndo para a África
em busca de ouro e encontrando
um caso incurável de sífilis;
Beethoven ficou surdo;
Pound foi arrastado pelas ruas
numa gaiola;
Chatterton tomou veneno para rato;
o cérebro de Hemingway pingando dentro
do suco de laranja;
Pascal cortando os pulsos na banheira;
Artaud trancado com os loucos;
Dostoiévski de pé contra um muro;
Crane pulando na hélice de um barco;
Lorca baleado na estrada pelo exército
espanhol;
Berryman pulando de uma ponte;
Burroughs atirando na mulher;
Mailer esfaqueando a sua;
- é isso o que eles querem:
o danado dum *show*
uma placa luminosa
no meio do inferno.
é isso o que eles querem,
aquele bando de
estúpidos
inarticulados

tranquilos
seguros
admiradores de
carnavais.

Iron Mike

falamos sobre este filme:
Cagney servia uvas
a uma mulher
mais rápido do que ela conseguia
comer e
então ela se
apaixonava por ele.

“isso nem sempre
funciona”, digo a Iron
Mike.

ele dá uma risadinha e diz,
“claro”.

então ele desceu a mão
e tocou seu cinto.
32 escalpos de mulher
estavam pendurados ali.

“eu e meu enorme cacete
judeu”, ele disse.

então ergue as mãos
para indicar o
tamanho.

“opa, sim, muito bem”,
eu disse.

“elas aparecem”, ele disse, “eu as traço, elas começam a ficar, eu lhes digo, ‘é hora de ir’.”

“você é corajoso, Mike.”

“essa aí não ia se mandar então eu tive que me levantar e esbofeteá-la... ela foi embora.”

“eu não tenho sua fibra, Mike. elas ficam, lavam os pratos, esfregam as manchas de merda no vaso, jogam fora os velhos prospectos do Jockey Club...”

“elas jamais vão me pegar”, ele disse.
“sou invencível.”

olhe, Mike, nenhum homem é invencível.
algum dia
vão considerá-lo louco pelo olhar como num desenho a lápis feito por uma criança. você não conseguirá beber um copo d’água ou cruzar um quarto. haverá as paredes e o som das ruas lá fora, e

você ouvirá metralhadoras
e tiros de morteiro. isso se dará
quando você quiser, mas não
puder ter.

os dentes
nunca são por fim
os dentes do amor.

guru

grande barba negra
me diz
que eu não sinto
terror

olho pra ele
minhas tripas chacoalham
cascalho

vejo seus olhos
voltados pra cima

ele é forte

tem unhas sujas

e penduradas nas paredes:
armas embainhadas.

ele sabe das coisas:

livros
as vantagens
o melhor caminho para
casa

gosto dele
mas creio que ele
mente

(não tenho certeza de que
ele mente)

sua esposa se senta
num canto
escuro

quando a conheci
era a mulher
mais
linda
que eu já tinha
visto

agora ela se
tornara
sua gêmea

talvez não por culpa
dele:

talvez a coisa
nos faça a todos
assim

no entanto, logo que deixei
a casa deles
senti terror

a lua parecia
doente

minhas mãos escorregavam
no
volante

manobro meu
carro
e desço a
ladeira

quase bato
num
carro azul-esverdeado
estacionado

enterre-me para sempre,
Beatriz

poeta hesitante, ha
haha

cão enjeitado do
terror.

os professores

sentado com os professores
falamos sobre Allen Tate
e John Crow Ransom
os tapetes estão limpos e
as mesas da cafeteria brilham
e então circulam conversas
sobre verbas e trabalhos em
progresso
e há até uma
lareira.

o piso da cozinha está
bem encerado
e eu recém havia
jantado
depois de ter bebido até as
3 da manhã
após a leitura
da noite passada

agora lá vou eu outra vez
numa faculdade próxima.
estou em pleno Arkansas em
janeiro
alguém chega a mencionar
Faulkner
vou ao banheiro
e vomito o
jantar
ao sair
lá estão eles em seus casacos e sobretudo
esperando na cozinha.

devo entrar em
15 minutos.
haverá um bom público
eles me dizem.

para Al...

não se preocupe com rejeições, parceiro,
eu já fui rejeitado
antes.

algumas vezes você comete um erro, pegando
o poema errado
o mais comum para mim é cometer o erro de
escrevê-lo.

mas eu gosto de uma montaria em cada corrida
mesmo que o homem
que organiza a largada da manhã

a coloque pagando 30 por um.

tenho que pensar na morte mais e mais

senilidade

muletas

poltronas

escrevendo poesia púrpura com a
caneta pingando

quando mocinhas com bocas
de piranha
corpos como limoeiros
corpos como nuvens

corpos como *flashes* de luz
pararem de bater à minha porta.

não se preocupe com rejeições, parceiro.
fumei 25 cigarros esta noite
e você sabe sobre a cerveja.

o telefone tocou apenas uma vez:
era engano.

dama melancólica

ela fica ali sentada
bebendo vinho
enquanto seu marido
está no trabalho.
ela considera
de suma importância
que seus poemas sejam
publicados
nas pequenas
revistas.
possui dois
ou três de pequenos
volumes de sua poesia
mimeografados.
tem dois ou
três filhos
com idades que vão
de 6 a 15.
já não é mais
a linda mulher que
costumava ser. manda
fotos em que aparece
sentada sobre uma pedra
junto ao oceano
sozinha e condenada.
podia ter estado com ela
uma vez. me pergunto
se ela acha que eu
poderia
salvá-la?

em todos os seus poemas
seu marido jamais
é mencionado.
mas costuma
falar sobre seu
jardim
assim sabemos que está
lá, de alguma maneira,
e que talvez ela
trepe com os botões de rosa
e os tentilhões
antes de escrever
seus poemas.

barata

a barata rastejou
sobre os ladrilhos
enquanto eu estava mijando e
ao virar minha cabeça
ela enfiou o traseiro
numa fenda.
peguei o inseticida e disparei o aerossol
e disparei e disparei
e finalmente a barata saiu
e me lançou um olhar muito nojento.
então desabou dentro
da banheira e fiquei assistindo à
sua morte
com um prazer sutil
pois eu pagava o aluguel
e ela não.
recolhi-a com
um tipo de papel higiênico
azul-esverdeado e joguei-a
na descarga. era tudo o que se
tinha a fazer, exceto que
nas redondezas de Hollywood e
Western temos que seguir
fazendo isso.
dizem que algum dia essa
tribo herdará
a terra
mas faremos com que
esperem mais
alguns meses.

quem, diabos, é Tom Jones?

por duas semanas
estive dormindo com uma
garota de 24 anos de
Nova York - na época
em que ocorria a greve dos
lixeiros, e certa noite
minha antiga mulher de 34 anos
chegou e disse, “quero ver
minha rival”. foi o que ela fez
e então disse, “ó, você
é a coisinha mais querida!”
depois disso reparei que houve uma
gritaria de gatas selvagens -
urros e unhas,
lamentos de animal ferido,
sangue e mijo...

eu estava bêbado e só de
calção. tentei
separar as duas e caí,
torcendo o joelho. então
atravessaram a porta e
avançaram rua
afora.

chegaram viaturas cheias
de policiais. um helicóptero da
polícia sobrevoou o local.

fiquei no banheiro
e sorri para o espelho.

não é comum que coisas
tão esplêndidas assim
aconteçam aos 55 anos.

muito melhor do que os distúrbios em
Watts^[3].

a de 34 retornou
para dentro. estava toda
mijada e sua roupa
transformada em farrapos e era
seguida por dois policiais que
queriam saber a razão daquilo tudo.

erguendo meus calções
eu tentava explicar.

derrota

ouvindo Bruckner no rádio
me perguntando por que não estava meio louco
depois do último rompimento com minha
última namorada.

me perguntando por que não estou guiando pelas
ruas
bêbado
por que não estou no banheiro
na escuridão
na escuridão atroz
ponderando
lacerado por pensamentos incompletos.

suponho
por fim isto
como um homem comum:
conheci muitas mulheres
e em vez de pensar
quem está trepando com ela agora?
eu penso
nesse instante ela está aborrecendo terrivelmente
outro desgraçado.

ouvir Bruckner no rádio
parece algo tão pacífico.

muitas mulheres já passaram por aqui.
estou sozinho afinal
sem estar sozinho.

pego um pincel Grumbacher
e limpo minhas unhas com a ponta afiada.

percebo uma tomada na parede.

veja, eu venci.

sinais de trânsito

os velhos camaradas jogam
no parque olhando o mar ao longe
pondo marcadores ao longo da pista
com gravetos de madeira.
quatro jogam, dois para cada lado
e 18 ou 20 se sentam ao
sol e assistem
percebo isso enquanto sigo
em direção ao banheiro público
enquanto meu carro está no conserto.

o parque abriga um velho canhão
enferrujado e inútil.
seis ou sete veleiros cortam
o mar lá embaixo.

termino a tarefa
saio
e eles continuam jogando.

uma das mulheres usa uma maquiagem carregada
brincos falsos e fuma
um cigarro.
os homens são muito magros
muito pálidos
usam relógios de pulso que lhes machucam
os pulsos.

a outra mulher é muito gorda
e dá uns risinhos

a cada vez que um ponto é marcado

alguns deles têm a minha idade.

eles me enojam

o modo como esperam pela morte
com tanta paixão
quanto um sinal de trânsito.

essas são as pessoas que acreditam em comerciais
essas são as pessoas que compram dentaduras a
prazo

essas são as pessoas que comemoram feriados
essas são as pessoas que têm netos
essas são as pessoas que votam
essas são as pessoas que têm funerais

esses são os mortos
neblina e fumaça
o fedor no ar
os leprosos.

esses são afinal quase todos
que existem.

gaivotas são melhores
algas marinhas são melhores
areia suja é melhor

se pudesse posicionar aquele velho canhão
contra eles
e fazê-lo funcionar
eu o faria.

eles me enojam.

462-0614

agora recebo muitas chamadas de telefone.
todas iguais.

“é Charles Bukowski,
o escritor?”

“sim,” eu lhes respondo.

e eles dizem que entendem minha
escrita,

alguns deles são escritores

ou querem ser escritores

e estão em empregos estúpidos e
horríveis

e não conseguem nem encarar a sala

o apartamento

as paredes

essa noite...

querem alguém com quem possam
conversar,

não podem acreditar

que não posso ajudá-los

que não conheço as palavras.

não podem acreditar

que agora mesmo

me dobro em meu quarto

segurando minhas entranhas

e dizendo

“Jesus Jesus Jesus,

de *novo* não!”

eles não podem acreditar

que as pessoas mal-amadas

as ruas

a solidão

as paredes
também são minhas.
e quando desligo o telefone
eles acham que escondi o
jogo.

não escrevo a partir da sabedoria.
quando o telefone toca
eu também gostaria de ouvir palavras
que pudessem aliviar um pouco alguma
dessas coisas.

é por isso que meu nome está na
lista.

cupons

cigarros umedecidos por cerveja
da noite passada
você acende um
se engasga
abre a porta em busca de ar
e junto à entrada
está um pardal morto
sua cabeça e seu peito
arrancados.

pendurado à maçaneta
há um anúncio da All American
Burger
que consiste de alguns cupons
que
dizem
que na compra
de um hambúrguer
de 12 de fev. a 15 de fev.
você ganha de graça
um pacote de batatas
fritas médio e um
copo pequeno de coca-cola.

pego o anúncio
embrulho o pardal com ele
levo até a lata de lixo
e despejo lá
dentro.

veja:

renunciando a batatas fritas e coca
para ajudar a manter
minha cidade
limpa.

sorte

o que está mal a respeito disso
tudo
é ver as pessoas
bebendo café e
esperando. gostaria de
embebê-los todos
na sorte. eles precisam
disso. precisam bem
mais do que eu.

sento nos cafés
e os vejo a
esperar. não creio
que haja muito mais
a fazer. as moscas
vão pra lá e pra cá
nos vidros das janelas
e bebemos nosso
café e fingimos
não olhar uns
para os outros.
espero junto com eles.
entre o movimento
das moscas
as pessoas vagueiam.

cão

um cão apenas
caminhando sozinho numa calçada quente em pleno
verão
parece ter mais poder
do que dez mil deuses.

por que isso?

guerra de trincheira

abatido pela gripe
bebendo cerveja
o rádio num volume
suficientemente alto para superar
os sons produzidos
pelo estéreo das pessoas que
recém se mudaram
para a casa
ao lado.
dormindo ou acordados
eles ajustam seu aparelho
no volume máximo
deixando suas
portas e janelas
abertas.

cada um deles tem
18, casados, vestem
sapatos vermelhos,
são loiros,
magros.
tocam de
tudo: *jazz*,
música clássica, rock,
country, moderna
contanto que esteja
alta.

este é o problema
de ser pobre:
temos que conviver com

o som dos outros.
semana passada foi
minha vez:
havia duas mulheres
aqui
brigando entre si
e elas
correram pela calçada
gritando.
a polícia veio.

agora é a vez
deles.
agora caminho
pra lá e pra cá em
meus calções sujos,
dois tampões de borracha
enfiados bem fundo
em meus ouvidos.

chego a pensar em
assassinato.
esses coelhos
pequenos e rudes!
pedacinhos ambulantes
de ranho!

mas na nossa terra
e do nosso jeito
nunca terá havido
uma chance;
somente quando
as coisas não estão
indo tão mal
por um instante

que esquecemos.

algum dia cada um
deles estará morto
algum dia cada um
deles terá um
caixão separado
e então haverá
silêncio.

mas por ora
é Bob Dylan
Bob Dylan Bob
Dylan por aí
afora.

a noite em que trepei com meu despertador

certa vez
passando fome na Filadélfia
eu ocupava um quartinho
caía a tarde e a noite chegava
e me postei junto à janela no 3° andar
no escuro e olhei para uma
cozinha que ficava no outro lado do 2° andar
e avistei uma bela garota loira
abraçar um jovem e ali beijá-lo
com o que parecia ser fome
e fiquei parado a olhá-los até que se
separassem.
então dei meia-volta e acendi a luz do quarto.
vi minha cômoda e suas gavetas
e meu despertador sobre ela.
peguei o relógio
e o levei pra cama comigo
trepei com ele até que os ponteiros caíssem fora.
depois saí e vaguei pelas ruas
até sentir meus pés se encherem de bolhas.
quando voltei fui até a janela
e olhei pra baixo e lá pro outro lado
e a luz na cozinha deles estava
apagada.

- [1] No original, T.M., abreviatura de *Transcendental Meditation*, literalmente Meditação Transcendental. (N.T.)
- [2] Ácido nicotínico. Um tipo de vitamina do complexo B. (N.T.)
- [3] Bairro negro de Los Angeles onde ocorreu um sério distúrbio de ordem racial. (N.T.)
- [4] Escritora famosa por sua beleza, uma espécie de celebridade-socialite de sua época. (N.T.)
- [5] Time de futebol americano da cidade. (N.T.).
- [6] Marca de camisinhas americanas. (N.T.)
- [7] Peso leve americano. Duas vezes campeão mundial. (N.T.)

Charles Bukowski

CHARLES BUKOWSKI nasceu a 16 de agosto de 1920 em Andernach, Alemanha, filho de um soldado americano e de uma jovem alemã. Aos três anos de idade, foi levado aos Estados Unidos pelos pais. Criou-se em meio à pobreza de Los Angeles, cidade onde morou por cinquenta anos, escrevendo e embriagando-se. Publicou seu primeiro conto em 1944, aos 24 anos de idade. Só aos 35 anos é que começou a publicar poesias. Foi internado diversas vezes com crises de hemorragia e outras disfunções geradas pelo abuso do álcool e do cigarro. Durante a sua vida, ganhou certa notoriedade com contos publicados pelos jornais alternativos *Open City* e *Nola Express*, mas precisou buscar outros meios de sustento: trabalhou catorze anos nos Correios. Casou, teve uma filha e se separou. É considerado o último escritor “maldito” da literatura norte-americana, uma espécie de autor *beat* honorário, embora nunca tenha se associado com outros representantes *beats*, como Jack Kerouac e Allen Ginsberg.

Sua literatura é de caráter extremamente autobiográfico, e nela abundam temas e personagens marginais, como prostitutas, sexo, alcoolismo, ressacas, corridas de cavalos, pessoas miseráveis e experiências escatológicas. De estilo extremamente livre e imediatista, na obra de Bukowski não transparecem demasiadas preocupações estruturais. Dotado de um senso de humor ferino, auto-irônico e cáustico, ele foi

comparado a Henry Miller, Louis-Ferdinand Céline e Ernest Hemingway.

Ao longo de sua vida, publicou mais de 45 livros de poesia e prosa. São seis os seus romances: *Cartas na rua* (1971), *Factótum* (1975), *Mulheres* (1978), *Misto-quente* (1982), *Hollywood* (1989) e *Pulp* (1994). Bukowski publicou em vida oito livros de contos e histórias: *Ereções, ejaculações e exibicionismos* (1972), *Ao sul de lugar nenhum: histórias da vida subterrânea* (1973), *Tales of Ordinary Madness* (1983), *Hot Water Music* (1983), *Bring Me Your Love* (1983), *Numa fria* (1983), *There's No Business* (1984) e *Septuagenarian Stew* (1990). Seus livros de poesias são mais de trinta, entre os quais *Flower, Fist and Bestial Wail* (1960), *You Get So Alone at Times that It Just Makes Sense* (1996), sendo que a maioria permanece inédita no Brasil. Várias antologias, além de livros de poemas, cartas e histórias foram publicados postumamente.

Da sua vasta obra, os seguintes títulos são publicados no Brasil pela L&PM Editores: *Pulp*, *Hollywood*, *A mulher mais linda da cidade*, *Numa fria*, *Notas de um velho safado*, *O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio* (com ilustrações de Robert Crumb) e *Ereções, ejaculações e exibicionismos*, sob os dois volumes intitulados *Fabulário geral do delírio cotidiano* e *Crônica de um amor louco*.

Bukowski morreu de pneumonia, decorrente de um tratamento de leucemia, na cidade de San Pedro, Califórnia, no dia 9 de março de 1994, aos 73 anos de idade, pouco depois de terminar *Pulp*.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Love is a Dog from Hell

Este livro foi publicado em formato 14x21cm pela L&PM Editores em 2007

Tradução: Pedro Gonzaga

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre foto de Charles Bukowski

Preparação de original: Bianca Pasqualini

Revisão: Jó Saldanha e Fernanda Cavagnoli

CIP-BRASIL. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B949a

Bukowski, Charles, 1920-1994

O amor é um cão dos diabos / Charles Bukowski; tradução Pedro Gonzaga. – Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2011.

(Coleção L&PM POCKET, v.888)

Tradução de: Love is a Dog From Hell

ISBN 978.85.254.2246-0

1. Poesia inglesa. I. Gonzaga, Pedro. II. Título. II. Série

07-3704. CDD: 821

CDU: 821.111-1

© 1977, Charles Bukowski

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - Floresta - 90220-180
Porto Alegre - RS - Brasil / Fone: 51.3225.5777 - Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

M. T.^u

ela morava em Galveston e fazia
M.T.
e eu fui visitá-la e fizemos amor
ininterruptamente ainda que o tempo estivesse
muito
quente
e tomamos mesalina
e uma balsa até a ilha
e dirigimos 200 milhas até o hipódromo mais
próximo.
nós dois ganhamos e fomos sentar num bar de
caipiras -
odiado e não frequentado pelos nativos -
e então fomos para um motel caipira
e voltamos um ou dois dias depois
e fiquei por lá mais uma semana
pintei-lhe um par de quadros decentes -
um de um homem sendo enforcado
e outro de uma mulher sendo fodida por um lobo.
acordei certa noite e ela não estava na cama
e levantei e caminhei ao redor perguntando,
“Gloria, Gloria, onde você está?”
era um lugar enorme e eu caminhava a esmo
abrindo porta atrás de porta,
então abri uma que parecia a de um *closet*
e lá estava ela de joelhos
cercada por fotografias de
7 ou 8 homens
as cabeças raspadas
em sua maioria usando óculos sem armações.
havia uma pequena vela acesa

e eu disse, “oh, me desculpe”.
Gloria vestia um quimono com águias
em pleno voo na parte de trás.
fechei a porta e voltei para a cama.
ela saiu 15 minutos depois.
começamos a nos beijar,
sua língua enorme deslizando para dentro e para
fora da

[minha

boca.

ela era uma garota grande e saudável do Texas.
“escute, Gloria”, consegui finalmente dizer,
“preciso de uma noite de folga”.

no dia seguinte ela me levou até o aeroporto.
eu prometi escrever. Ela prometeu escrever.
nenhum de nós escreveu.

soldado raso

tiraram meu homem das ruas
outro dia
ele usava um casaco de moletom dos L.A. Rams^[5]
as mangas cortadas
e debaixo
uma camiseta do exército
soldado raso
e ele usava uma boina verde
caminhava muito ereto
era negro e vestia calções marrons
o cabelo de um loiro apagado
nunca incomodava ninguém
roubava alguns bebês
e corria dando gargalhadas
mas sempre retornava com as crianças
ilesas
dormia atrás do
bordel
com a permissão das garotas.
a paixão se revela em
estranhos lugares.

certo dia não o vi mais
e depois mais outro se passou.
perguntei nas redondezas.

meus impostos voltarão
a subir. o estado precisa lhe
dar abrigo e
comida. os policiais o pegaram.
isso não é

bom.

o amor é um cão dos diabos

pé de queijo
alma de cafeteira
mãos que odeiam tacos de bilhar
olhos como clipes de papel
eu prefiro vinho tinto
entedio-me em aviões
sou dócil durante terremotos
sonolento em funerais
vomito nos desfiles
e vou para o sacrifício no xadrez
e nas bocetas e nos afetos
cheiro urina nas igrejas
já não consigo mais ler
já não consigo mais dormir

olhos como clipes de papel
meus olhos verdes
prefiro vinho branco

minha caixa de camisinhas está passando da
validade
eu as tiro pra fora
Trojan-Enz^[6]
lubrificadas
para maior sensibilidade
tiro todas pra fora
e ponho três ao mesmo tempo

as paredes do meu quarto são azuis

para onde você foi, Linda?
para onde você foi, Katherine?
(e Nina partiu pra Inglaterra)
tenho cortadores de unha
e limpa-vidros Windex
olhos verdes
quarto azul
brilhante metralhadora solar

essa coisa toda é como uma foca
presa em oleosas rochas
e cercada pela Banda Marcial de Long Beach
às 3h26 da tarde

há um tiquetaquear atrás de mim
mas nenhum relógio
sinto algo rastejar
ao longo de minha narina esquerda:
memórias de aviões

minha mãe tinha dentes postiços
meu pai tinha dentes postiços
e durante todos os sábados de suas vidas
eles recolhiam todos os tapetes de sua casa
enceravam o chão de tabuões
e o cobriam novamente com os tapetes

e Nina está na Inglaterra
e Irene está no abrigo municipal
e eu pego meus olhos verdes
e me deito em meu quarto azul

40 graus

ela cortou as unhas dos meus pés na noite passada,
e pela manhã ela disse, “acho que vou
ficar deitada aqui pelo resto do dia”.

o que significava que ela não iria trabalhar.

ela estava em meu apartamento - o que significava
outro

dia e outra noite.

ela era uma pessoa legal

mas recém havia me dito que queria ter

um filho, queria casar, e

fazia 40 graus lá fora.

quando pensei em *outra* criança e

outro casamento

comecei realmente a passar mal.

havia me resignado a morrer sozinho

em uma pequena peça...

agora ela tentava remodelar meu plano de mestre.

além disso ela sempre batia a porta do meu carro

com

[muita força

e comia com a cabeça perto demais da mesa.

nesse dia havíamos ido ao correio, a uma loja de

departamentos e depois a uma lancheria para

almoçar.

já me sentia casado. na volta eu quase

entrei em um Cadillac.

“vamos encher a cara”, eu disse.

“não, não”, ela respondeu, “é muito cedo”.

e então ela lacrou a porta do carro.

continuava fazendo 40 graus.

quando abri a caixa do correio descobri que a
companhia
de seguros queria mais 76 pratas.
subitamente ela invadiu o quarto correndo e gritou,
“OLHA, ESTOU FICANDO VERMELHA! CHEIA DE
MANCHAS! O QUE DEVO FAZER?”
“tome um banho”, eu lhe disse.
fiz um interurbano para a seguradora e
exigi saber a razão daquilo.
ela começou a gritar e a gemer lá da
banheira e eu não conseguia ouvir nada e disse, “um
[momento,
por favor!”
tapei o telefone com a mão e gritei de volta para ela:
“OLHA SÓ! ESTOU NUM INTERURBANO! SEGRE A
[ONDA,
PELO AMOR DE DEUS!”
o pessoal da seguradora insistia que eu lhes devia
\$76 e que me enviariam uma carta explicando por
quê.
desliguei e me estiquei na cama.
eu já estava casado, me sentia casado.
ela saiu do banheiro e disse, “posso me deitar
ao seu lado?”
e eu disse, “ok”
em dez minutos sua cor tinha voltado ao normal.
tudo porque ela havia tomado um comprimido de
niacina^[2].
ela se lembrou de que isso acontecia sempre.
ficamos ali estirados suando:
nervos. ninguém tem espírito suficiente para superar
os
[nervos.
mas eu não podia dizer isso a ela.
ela queria ter seu bebê.
que caralho.

artistas:

ela me escreveu por anos.
“estou bebendo vinho na cozinha.
chove lá fora. as crianças
estão na escola.”

ela era uma cidadã qualquer
ocupada com sua alma, sua máquina de escrever
e sua
reputação como poeta *underground*.

ela escrevia decentemente e com honestidade
mas apenas depois que outros já
havam aberto o caminho.

me ligava bêbada às 2 da manhã
às 3
enquanto o marido dormia.

“é bom ouvir a sua voz”, ela
dizia.

“é bom ouvir a sua voz também”, eu
dizia.

que diabo, você
sabe.

ela finalmente apareceu. acho que teve
algo a ver com
The Chapparral Poets Society of California.

eles tinham que eleger seus quadros. ela me ligou do hotel deles.

“estou aqui”, ela disse, “vamos eleger os representantes.”

“ok, ótimo”, eu disse, “escolha uns realmente bons”.

desliguei.

o telefone voltou a tocar.

“ei, você não quer me ver?”

“claro”, eu disse, “qual é o endereço?”

depois que ela disse até logo eu bati uma troquei as meias
bebi meia garrafa de vinho e
segui até lá.

estavam todos bêbados e tentavam se foder mutuamente.

levei-a para minha casa.

ela vestia uma calcinha cor-de-rosa com fitinhas.

bebemos uma pouca de cerveja e fumamos e falamos sobre Ezra Pound, depois dormimos.

já não tenho claro se a levei para o

aeroporto ou
não.

ela continua me escrevendo cartas
e eu as respondo
da pior maneira possível
torcendo para que ela
desista.

algum dia talvez ela alcance a
fama como Erica
Jong. (seu rosto não é lá essas coisas
mas seu corpo é legal)
e eu pensarei,
meu Deus, o que foi que eu fiz?
estraguei tudo.
ou melhor: eu não estraguei
nada.

enquanto isso tenho o número de sua caixa postal
e é melhor eu informar a ela
que meu segundo romance sairá
em setembro.
isso deverá manter os seus mamilos duros
enquanto considero a possibilidade de
Francine du Plessix Gray^[4].

um poema para o engraxate

o equilíbrio é preservado pelas lesmas que escalam
os

rochedos de Santa Mônica;
a sorte está em descer a Western Avenue
enquanto as garotas numa casa de
massagem gritam para você, "Alô, Doçura!"
o milagre é ter 5 mulheres apaixonadas
por você aos 55 anos,
e o melhor de tudo isso é que você só é capaz
de amar uma delas.

a bênção é ter uma filha mais delicada
do que você, cuja risada é mais leve
que a sua.

a paz vem de dirigir um
Fusca 67 azul pelas ruas como um
adolescente, o rádio sintonizado em O Seu
Apresentador

Preferido, sentindo o sol, sentindo o sólido roncar
do motor retificado

enquanto você costura o tráfego.

a graça está na capacidade de gostar de rock,
música clássica, *jazz*...

tudo o que contenha a energia original do
gozo.

e a probabilidade que retorna
é a tristeza profunda
debaixo de você estendida sobre você
entre as paredes de guilhotina
furioso com o som do telefone
ou com os passos de alguém que passa;

mas a outra probabilidade -
a cadência animada que sempre se segue -
faz com que a garota do caixa no
supermercado se pareça com a
Marilyn
com a Jackie antes que levassem seu amante de
Harvard
com a garota do ensino médio que sempre
seguíamos até em casa.

lá está a criatura que nos ajuda a acreditar
em alguma coisa além da morte:
alguém num carro que se aproxima
numa rua muito estreita,
e ele ou ela se afasta para que possamos
passar, ou se trate do velho lutador Beau Jack^[7]
engraxando sapatos
após ter queimado todo seu dinheiro
em festas
mulheres
parasitas
bufando, respirando junto ao couro,
dando um trato com a flanela
os olhos erguidos para dizer:
“mas que diabos, por um momento
tive tudo. isso compensa todo o
resto.”

às vezes sou amargo
mas no geral o sabor tem sido
doce. é apenas que tenho
medo de dizê-lo. é como
quando sua mulher diz,
“fala que me ama”, e
você não consegue.

se você me vir sorridente
em meu Fusca azul
aproveitando o sinal amarelo
dirigindo firme em direção ao sol
estarei mergulhado nos
braços de uma
vida insana

pensando em trapezistas de circo
em anões com enormes charutos
num inverno na Rússia no início dos anos 40
em Chopin com seu saco de terra polaca
numa velha garçonete que me traz uma xícara
extra de café com um sorriso
nos lábios.

o melhor de você
me agrada mais do que pode imaginar.
os outros não importam
excetuado o fato de que eles têm dedos e cabeças
e alguns deles olhos
e a maioria deles pernas
e todos eles
sonhos e pesadelos
e uma estrada a seguir.

a justiça está em toda parte e não descansa
e as metralhadoras e os coldres e
as cercas vão lhe dar prova
disso.